

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje em Dia

Class.: Krenak

Data: 19.02.91

Pg.: \_\_\_\_\_



Os índios Krenak reivindicam à equipe de transição do futuro governo a posse de 4 mil hectares de terra

### Índios vão à equipe de transição

A comissão de transição do governo Hélio Garcia recebeu ontem representantes da comunidade indígena Krenak, que reivindicam a posse de 4 mil hectares de terra na região próxima ao município de Resplendor, no Vale do Rio Doce. De acordo com Ailton Krenak, coordenador da União das Nações Indígenas (Uni), as terras foram repassadas a fazendeiros pela Ruralminas através de títulos ilegais, no início dos anos 70.

O cacique da nação Krenak, José Alfredo de Oliveira, disse que os índios foram expulsos da área em 1972 e transferidos para a fazenda Guarani, próxima a Guanhães. Em seguida os Krenak entraram na Justiça e conseguiram reaver apenas 124 hectares onde sobrevivem hoje os 160 indígenas. Uma ação que coloca o

Estado de Minas Gerais como réu está sendo julgada no Supremo Tribunal para devolução do restante das terras.

Os Krenak foram recebidos pelo coordenador de desenvolvimento social da comissão de transição, Luiz Aureliano Andrade. Após ouvir o depoimento dos índios, Luiz Aureliano buscou no programa de campanha de Hélio Garcia o item que fala do compromisso com a solução dos problemas relativos à comunidade indígena em Minas Gerais. "Vamos assegurar a posse e proteger os direitos dos índios", prometeu.

Ailton Krenak respondeu a Luiz Aureliano que além de compromisso esperava da visita a Belo Horizonte a definição de um programa de trabalho com previsão de etapas para devolução das

terras. Aureliano disse que a comissão de transição não pode tomar decisões e sim garantir o encaminhamento das reivindicações com todos os detalhes possíveis do problema ao governador Hélio Garcia.

Além dos Krenak, Minas tem índios Maxacali, Xacriabás, Patachós e Puri, num total de 6 mil pessoas. A situação atual dos Krenak é definida por Ailton como de tragédia. A comunidade que resta da degradação sofrida ao longo dos anos se concentra em 18 casas e sobrevive do plantio de subsistência das culturas de arroz, milho, feijão, mandioca e da pesca no Rio Doce. Com a devolução dos 4 mil hectares eles pretendem reflorestar as terras desmatadas pelos fazendeiros, para uso equilibrado da madeira e recomposição da fauna que oferece a caça.